



PREPARAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: O CUIDAR E O EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Karin Débora Rodrigues¹

RESUMO

Deve-se compreender o exercício de alteração do conhecimento para que o aprendizado significativo aconteça, ao invés de um comportamento em um âmbito observável e externo, mas certamente deve-se identificar a relevância que esses processos mentais possuem nesse desenvolvimento. Em vez de transferir e generalizar o aprendizado nas escolas aos princípios explicativos ou ideias retiradas de outros contextos ou situações de aprendizado. Assim, este artigo tem a missão de refletir sobre a aprendizagem significativa no contexto do cuidado da educação infantil.

Palavras-chave: Aprendizagem Significativa; Cuidar; Educar; Educação Infantil.

RESUMEN

Uno debe entender el ejercicio de alteración del conocimiento para que ocurra un aprendizaje significativo, en lugar de un comportamiento en un ámbito observable y externo, pero ciertamente uno debe identificar la relevancia que estos procesos mentales tienen en este desarrollo. En lugar de transferir y generalizar el aprendizaje en las escuelas a principios explicativos o ideas extraídas de otros contextos o situaciones de aprendizaje. Por lo tanto, este artículo tiene la misión de reflexionar sobre el aprendizaje significativo en el contexto del cuidado de la educación infantil.

Palabras Clave: Aprendizaje Significativo; Cuidado; Educar; Educación Infantil.

ABSTRACT

One must understand the exercise of alteration of knowledge so that significant learning happens, rather than a behavior in an observable and external scope, but certainly one must identify the relevance that these mental processes have in this development. Instead of transferring and generalizing learning in schools to explanatory principles or ideas drawn from other contexts or learning situations. Thus, this article has the mission of reflecting on meaningful learning in the context of early childhood education care.

Keywords: Meaningful Learning; Care; Educate; Early Childhood Education.

¹ Estudou na FAFIPA (Faculdade Estadual de Educação Ciências e Letras de Paranavaí) se formou em Pedagogia – Orientação Educacional no ano de 1995, fez Pós-graduação "lato sensu" em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental (Pré- Escolar e Alfabetização); pela Universidade Norte do Paraná- UNOPAR -1999. Pós-Graduação "lato sensu" em Administração, Supervisão e Orientação Educacional pela Faculdade do Noroeste Paranaense- FANP. e ESAP.(Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação)-2003. Pós- Graduação "lato sensu" em ,Educação Especial: Atendimento às Necessidades Especiais, pela Faculdade do Noroeste Paranaense- FANP. e ESAP.(Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação)-2007. Pós-Graduação "lato sensu" em Arte, Educação e Terapia, pela Faculdade São Braz-FSB (2013), Fez segunda graduação em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá- UEM (2015). Mestrado em Ciências da Educação pela Universidad Tecnica de Comercialización e Desarrollo- UTCD-PY (2012) Atua como professora no Ensino Fundamental 1 e Educação Infantil na Rede Municipal do município de Nova Esperança-PR. Sempre teve sonho de ser professora e participar de congresso sobre educação para estabelecer o vínculo da teoria com a pratica de sala de aula.



INTRODUÇÃO

Duas condições são primordiais para que possa haver a aprendizagem significativa. Primeiramente, o discente tem de estar disposto a aprender, tendo em conta que a aprendizagem será feita mecanicamente, caso o discente queira memorizar o conteúdo de modo literal ou arbitrariamente. Em segundo lugar, o conteúdo escolar precisa ser psicologicamente significativo e ter lógica, bem como precisa ser muito significativo. Tem-se que o significado psicológico relaciona-se com a experiência que cada pessoa possui; por outro lado, o significado lógico está voltado somente para a natureza do conteúdo. Então, cada discente filtra os temas que possuem alguma importância ou não para si.

Com essas distinções, entende-se que as concepções de Ausubel consideram que as pessoas possuem uma interna organização cognitiva com base em conhecimentos de perfis conceituais, verificando que essa complexidade procede do número de conceitos existentes, mas dependem mais dos *links* que esses conceitos estabelecem em si. Há o entendimento de que esses *links* possuem um perfil hierárquico, sendo entendido como um modo de estrutura cognitiva, e especialmente, com base no grau de generalização e abstração em que essa rede de ideias se organiza hierarquicamente.

Com embasamento nessa especificação, de maneira global, a aprendizagem escolar começa a se manifestar como a fusão a uma rede de certos elementos conceituais, que são socialmente selecionados como organizados e relevantes nas áreas do saber. Diante disso, este estudo busca refletir sobre a aprendizagem significativa no contexto do cuidado da educação infantil.

TIPOS DE APRENDIZAGEM

Ausubel com o intuito de fornecer esclarecimento sobre como a aprendizagem escolar é formada, fez a distinção das muitas dimensões e eixos que a formarão com origem em valores múltiplos que porventura possam atuar em cada situação, ou seja, a diferentes classes de aprendizado: Aprendizagem significativa e Aprendizagem memorística.

Diante desse tema, tem-se que a primeira aprendizagem compreende o eixo relativo à estrutura vinculada à aprendizagem e descoberta receptiva, assim como ao modo de organizar o processo de aprendizagem. Essa questão está



vinculada ao modo pelo qual o discente absorve os conteúdos que precisam ser aprendidos. Então, quanto mais o discente se aproxima do núcleo de aprendizagem receptiva, serão fornecidos aos discentes os conteúdos que serão aprendidos em formato finalizado; em contrapartida, quanto mais o discente se aproxima do núcleo de aprendizagem por descoberta, o discente receberá esses conteúdos de maneira não acabada, e o então o discente terá de descobri-los, defini-los antes de sua assimilação.

De maneira distinta, o segundo eixo relaciona-se ao processo que causa uma interferência na aprendizagem, e consequentemente forma um processo contínuo que se limita pela aprendizagem repetitiva ou mecânica de um lado; e por outro lado, pela aprendizagem significativa. Neste sentido, por parte do discente, pode ser estabelecida a diferenciação ou não das relações essenciais entre o conteúdo atual que precisa ser aprendido e os conceitos que fazem parte da estrutura cognitiva. Haverá mais proximidade da aprendizagem significativa, quanto mais o conteúdo atual, de modo não arbitrário e substancial, se aproximar de alguma configuração da prévia estrutura cognitiva que for importante para cada discente. Por outro lado, haverá proximidade com a aprendizagem repetitiva ou mecânica, quanto menos essa relação for estabelecida.

Definindo-se deste modo, tem-se que a ideia de aprendizagem significativa acabou por ser o fundamento da teoria de Ausubel. De modo eficaz, existem notáveis vantagens da aprendizagem significativa, seja no âmbito da posterior utilização e lembrança que o discente terá para conhecer aprendizados novos, seja no âmbito de enriquecimento da estrutura cognitiva discente. De fato, esses conceitos inseridos fazem com que a aprendizagem significativa seja a mais eficaz entre os discentes. Ademais, com base no estudo de Ausubel, a aprendizagem significativa pode ser conquistada tanto pela repetição quanto pela descoberta, visto que nesta extensão não há uma diferenciação singular da mesma como uma extensão de aprendizagem repetitiva e/ou significativa na perspectiva de delineamento de ensino e aprendizagem escolar. Entretanto, e referente a essa segunda extensão, pôde ser ilustrado por Ausubel o que é primordial, seja pelas próprias finalidades que a aprendizagem significativa apresenta por percepção verbal, seja pela maneira particular de conhecimento a educação escolar intenciona transmitir.



Ainda com base na teoria de Ausubel, verificou-se que referente à aprendizagem memorística, há três fundamentais vantagens. Primeiramente, existe a capacidade de lembrar e reter por mais tempo o conhecimento que foi adquirido de modo significativo. Em um segundo ponto, mesmo que a original informação não seja lembrada, há um aumento da possibilidade para aprender mais facilmente outros assuntos. E, em terceiro lugar, pode-se dizer que se o assunto for esquecido, é possível facilitar no aprendizado posterior, ou seja, seria uma “reaprendizagem”. Nota-se que o entendimento dessas vantagens para aprender está vinculado a processos específicos, em que a aprendizagem significativa é produzida, acarretando um processo essencial o *link* entre o conteúdo que será aprendido e a prévia estrutura cognitiva do discente. Pode-se traduzir esse *link* como um processo de mútua alteração do conteúdo que precisa ser aprendido quanto da estrutura inicial cognitiva, compreendendo-se assim como o cerne da aprendizagem significativa, a qual é primordial para a compreensão de suas capacidades e características.

INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM

É certo que a linguagem se constitui em um instrumento básico de ordenação e significação no mundo humano, porém não se pode deixar de considerar que a linguagem é um fenômeno essencialmente social, produto das comunidades humanas. As significações se desenvolvem em conformidade com a maneira de ser de nosso grupo social, na realidade nossa “postura humana” é aprendida. Aprendemos a ser humanos: a perceber e a vivenciar o mundo como homens, através da comunidade. Fora de um contexto social não há seres humanos. Tornamo-nos humanos por decorrência de um processo educativo que tem como veículo principal a linguagem. Por ela aprendemos a ordenar o mundo numa estrutura significativa e adquirimos as “as verdades” da comunidade onde devemos viver. Esse processo educacional é chamado por alguns autores de socialização.

A criança é socializada e adquire uma linguagem e, com ela, uma determinada forma de falar, pensar e agir, segundo a cultura em que está. Quando somos “socializados”, aprendemos também o estilo de vida de nossa comunidade, vamos adquirindo o estilo de vida de nossa personalidade cultural. Em nosso mundo dito “civilizado” não há a uniformidade cultural existente nas



chamadas “culturas” primitivas onde há um saber comum que é transmitido indiscriminadamente de geração em geração. No Brasil, podem ser identificadas subculturas diferentes, a cultura dos gaúchos é diferente da dos nordestinos, por exemplo, além de que em termos econômicos nossa sociedade se divide em classes: alta, média e proletariado. Essa divisão socioeconômica já gerou, inclusive, termos como cultura de elite e cultura popular (ou cultura de massas). No decorrer do processo civilizatório, o conhecimento foi ampliando-se e na sociedade ocorreram divisões entre grupos e indivíduos. Tais divisões – fundamentalmente econômicas baseadas na propriedade privada – implicaram também uma divisão social do saber. A sociedade passou a ser dividida em castas ou classes e o saber foi repartido de forma desigual entre elas.

A escola foi definida como o local onde um determinado conhecimento básico é transmitido às novas gerações, o domínio dos símbolos gráficos, que as habilitaria a melhorar seu desempenho no mercado de trabalho. No início o acesso às instituições escolares foi quase que restrito às classes altas, uma vez que o trabalho exercido pelas classes subalternas demandava não mais que um conhecimento prático do ofício. Ler e escrever, e o consequente domínio teórico sobre o mundo, eram privilégio das classes dominantes. Com a Revolução Industrial, houve a necessidade de que a escola fosse franqueada também às classes subalternas. Isso porque a criação de técnicas mais sofisticadas exigia um maior conhecimento por parte dos trabalhadores, a fim de que seu desempenho se otimizasse nas indústrias.

Ler e escrever passaram a ser fator determinante para o manuseio das novas máquinas e para a melhor adequação nas modernas organizações. Com o advento da ciência (cerca de 350 anos), foi preciso dividir o mundo e a vida em áreas distintas, para um maior domínio e conhecimento mais aprofundado; surgindo novas especializações. O homem e a sociedade passaram a ser repartidos “em fatias, e cada especialista se ocupa de uma delas. As escolas passaram a orientar-se para a transmissão do conhecimento objetivo, para a transmissão dos conhecimentos tidos como “universais”, tendo como função a comunicação de fórmulas científicas, com o objetivo de habilitarem o sujeito ao conhecimento racional do mundo e nele operar produtivamente. Dessa maneira a escola desde cedo separa razão e sentimentos, essa separação justifica-se pela lógica que rege a moderna sociedade industrial, onde os indivíduos devem produzir em uma



ordem racionalista, sem que as emoções e os valores pessoais interfiram no processo produtivo. A educação passa a convergir com os interesses de um poder hegemônico que não se interessa pela existência de pessoas com uma visão geral – ampla e crítica –, procurando, em contrapartida, formar indivíduos com uma visão cada vez mais setorizada e especializada do mundo, estimulando a padronização do pensar, segundo os ditames da lógica de produção industrial.

Desse modo, a educação acaba constituindo-se em um agente de adiestramento, preparando pessoas para executar um trabalho parcial e mecânico, no âmbito social, pessoas que se preocupam apenas com o trabalho, sem perceberem como este liga-se a todos os outros no interior da sociedade; quando a educação em verdade deveria significar o auxílio dos indivíduos para que pensem sobre a vida que levam que deveria permitir uma visão do universo cultural em que estão inseridos.

O CUIDAR E O EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil por um tempo considerável ficou sob a responsabilidade da Assistência Social. Por isso, o foco principal durante esse período foi cuidar, ficando o educar em segundo plano na prática. Porém, recentemente, em várias regiões do Brasil a Educação Infantil passou a ficar a cargo das Secretarias da Educação o que fez com que se inicie uma mudança de postura quanto à atuação pedagógica nessa etapa escolar.

Além disso, muitos documentos oficiais que visam nortear o trabalho na Educação Infantil passaram a vigorar ajudando os profissionais a enxergarem além do cuidar e passarem a contemplar o educar desde as primeiras etapas dessa fase educativa.

Por exemplo, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) já vislumbrava diversas práticas pedagógicas a serem aplicadas em todas as fases educativas, inclusive com bebês. O referido documento em vez de estabelecer uma dicotomia entre o cuidar e o educar, passa a criar uma aproximação entre essas duas práticas.

É preciso criar uma articulação entre o cuidar e o educar por lançar mão de teorias pedagógicas relacionadas ao tema em questão, bem como por



analisar alguns documentos norteadores da prática educativa na Educação Infantil.

Justifica-se essa necessidade, pois é do senso comum, que muitas regiões do país estão no processo de mudança de assistencialismo para educação, o que faz com que seja necessária uma adequação das atividades realizadas diariamente nas instituições de ensino. Além disso, há o perigo de que alguns profissionais se aferrem apenas ao cuidar ou ao educar o que faria com que os educandos tivessem seu desenvolvimento de forma deficitária.

CUIDAR OU EDUCAR OU CUIDAR E EDUCAR?

Considerou-se por muito tempo que a etapa da Educação Infantil seria um tempo no qual as crianças receberiam somente cuidados pessoais. De fato, a criança é muito dependente desde os primeiros meses de vida até a tenra infância, visto que as mesmas também precisam ter bem-estar pelos cuidados fornecidos pelos adultos, tais como: alimentação; higiene, descanso, dentre outros.

Porém, nesse período, há uma gama de aprendizagens pedagógicas que estão ligadas diretamente às necessidades das crianças.

Dessa forma, pode-se afirmar que há uma série de situações em que se torna vital mediar individualmente as crianças para que possam estabelecer uma boa relação com elementos e indivíduos que os rodeiam. É possível exemplificar isso com uma situação cotidiana simples como os momentos de organização e recolhimento dos materiais pedagógicos de uso individual. Criar esse hábito faz com que se desenvolva um valor muito importante durante toda a vida desse aluno.

É claro que durante o dia de trabalho de um professor da Educação Infantil, grande parte do seu tempo vai ser usado para atividades do cuidar, como por exemplo, trocar as fraldas, acompanhar os alunos ao usar o sanitário, dar-lhes as refeições, ajudar que comam com autonomia, colocar para dormir e assim por diante. Porém, mesmo essas atividades do cuidar podem ser aproveitadas de forma pedagógica, afinal todas elas envolvem interação social. Verbalizar as ações desses momentos ajuda a criança a passar de um estado de dependência para um de autonomia progressivamente.



No início da Educação Infantil, é preciso dedicar tempo para esse tipo de atividade porque elas fazem parte dos elementos organizadores de outros tipos de atividades. Mas, a partir da fase da pré-escolar a criança já começa a ter autonomia para realizar essas atividades e é nesse momento que pode ocorrer o risco de que as atividades pedagógicas passem a ter um papel meramente complementar. É claro que mesmo nessa etapa ainda é necessário que a criança continue desenvolvendo sua independência para suprir suas necessidades básicas como se alimentar sozinha, organizar seu entorno e objetos pessoais, higienizar-se, etc. Porém, as atividades pedagógicas nunca podem ficar em segundo plano.

O trabalho pedagógico, isto é, o processo de aprendizagem e ensino, na Educação Infantil (de zero a três anos de idade) interliga-se de maneira inseparável aos processos interativos com os educadores. Como exemplo, pode-se citar a atividade de cuidar, pois se a mesma for realizada de maneira agradável, acarretam em uma autônoma expressiva e de forma natural. Ademais, a criança possui a possibilidade de conhecimento do próprio corpo com essas atividades, adquirindo rotinas de cuidados pessoais e iniciando-se o processo verbal comunicação. Por esses motivos, considera-se que, nos primeiros anos de vida, o cuidar é um processo fundamental para que haja o desenvolvimento pedagógico.

As atividades de cuidado com a criança são rotineiras. Dessa forma, por meio da retomada diária delas é possível começar a trilhar o caminho que leva ao desenvolvimento da identidade da criança e a criar uma autoimagem positiva.

Criar o hábito de realizar esses procedimentos, (lavar as mãos, secá-las, guardar brinquedos), ajuda os educandos a criar gosto pela limpeza pessoal, a querer organizar seu entorno e até mesmo cobrar essas atitudes de outros colegas de sala quando for pertinente.

Compreender o cuidar dentro da Educação Infantil significa entender que é parte da educação e que engloba habilidades e conhecimentos do espectro pedagógico. Ou seja, para se cuidar de uma criança dentro de um ambiente educativo se exige a relação de vários conhecimentos pedagógicos e a integração de vários profissionais de diversas áreas do saber.

O eixo central do cuidar de um ser humano está em ajudar o próximo a desenvolver-se como tal. Para cuidar de forma efetiva é preciso valorizar e desenvolver as capacidades do outro de forma integral.



Então, a criança precisa ter oportunidades para interagir com distintos conhecimentos, bem como receber cuidados (manutenção da saúde e afetividade) para que possa se desenvolver integralmente.

Conforme descrito anteriormente, o cuidar engloba procedimentos diários que tem como objetivo desenvolver as capacidades próprias de cada criança, assim como propiciar a preservação da vida e a manutenção da saúde. É essencial que os procedimentos e ações pelos educadores tenham como base os saberes específicos do desenvolvimento intelectual, biológico e emocional dos discentes, para que aconteçam satisfatoriamente; no entanto, sem abandonar o quesito sociocultural.

Dessa forma, para cuidar devidamente, dentro do âmbito pedagógico, é preciso ter consciência da individualidade do outro, de suas necessidades e habilidades o que só é possível observar por meio de um forte vínculo entre ambas as partes.

O EDUCAR

Conforme já mencionado, é por meio da interação durante atividades de cuidados individuais que se produz o conhecimento. Utilizando-se desse mesmo caminho, ou seja, a interação social, é que partimos para falar do educar na Educação Infantil.

De fato, entende-se que educar seria mediar e formar situações de momentos direcionados, cuidados individuais e brincadeiras que de alguma maneira consigam favorecer o desenvolvimento das possibilidades das crianças com relação às relações interpessoais, tais como: atitude de se aceitar; respeito às diferenças; habilidade de ser e estar bem convivendo com outras pessoas. Inserido nesse processo, verifica-se que a educação pode desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento de crianças saudáveis e felizes, tendo em vista que proporciona a formação de valores e ações inseridas em suas capacidades éticas, corporais, estéticas, emocionais e afetivas.

Mas, para que isso venha a ocorrer é imprescindível que sejam planejadas formas de organização do trabalho pedagógico dentro das especificidades das habilidades das crianças segundo sua faixa etária, que lhes permitam



agregar valores, conhecimentos específicos, cultura, procedimentos instrumentais, e ao mesmo tempo criar um laço afetivo com seu entorno.

O BRINCAR

É primordial acatar a metodologia pedagógica, isto é, o brincar, o lúdico, para que as crianças tenham a capacidade de se desenvolverem pelo educar na Educação Infantil.

É por meio das brincadeiras, via de regra com intervenções e mediações, que se faz possível que as crianças exerçam a capacidade de criar dentro de uma rica diversidade de contextos que geram experiências de aprendizagem essenciais para seu progresso.

A brincadeira é uma espécie de linguagem para os educandos da Educação Infantil. Para eles as atividades se dividem em brincadeiras e o que não são brincadeiras. A criança se apropria da linguagem simbólica para brincar, afinal ela está dentro do âmbito da imaginação. Isso nos mostra que a criança desenvolve a habilidade para diferenciar a realidade imediata do que se lhe forneceu para criar o faz de conta. Dessa forma, a criança consegue atribuir significado tanto aos elementos da realidade como aos da fantasia.

Ao brincar com diversos objetos, sinais, espaços, gestos passam a ter o significado que lhes são atribuídos dentro do contexto da brincadeira. Ao fazerem isso os educandos articulam acontecimentos vividos à recriação de acontecimentos fictícios.

O principal articulador da brincadeira é o papel que cada criança decide assumir dentro da brincadeira. Quando a criança varia seu papel ao brincar, ela age dentro de uma realidade não literal, transportando ou trocando suas ações cotidianas por ações do papel que ela decidiu assumir.

Outro grande benefício da brincadeira que podemos pontuar, é que as auxilia durante o processo de seu desenvolvimento social. A brincadeira de papéis ajuda a compreender e a estruturar interiormente modelos da vida adulta em diversos contextos sociais. As significações desses modelos transformam a constituição infantil durante seu processo de desenvolvimento pessoal.

Quando as crianças praticam esse tipo de brincadeira elas transformam os conhecimentos que elas já tinham em conceitos gerais. Por exemplo, para



que uma criança brinque de um faz de conta em que ela assume um papel de alguma profissão, ela precisa conhecer algumas coisas sobre essa profissão. Geralmente, elas imitam algo ou alguém conhecido, um momento observado dentro do contexto familiar ou em outras circunstâncias, da fala de algum colega ou de um adulto, de algo assistido por meio da televisão, do cinema, em livros e assim por diante.

O documento Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) resume bem as ideias apresentadas até aqui:

O brincar apresenta-se por meio de várias categorias de experiências que são diferenciadas pelo uso do material ou dos recursos predominantemente implicados. Essas categorias incluem: movimento e as mudanças da percepção resultantes essencialmente da mobilidade física das crianças; a relação com os objetos e suas propriedades físicas assim como a combinação e associação entre eles; a linguagem oral e gestual que oferecem vários níveis de organização a serem utilizados para brincar; os conteúdos sociais, como papéis, situações, valores e atitudes que se referem à formação de um universo social e constrói; e, finalmente, os limites definidos pelas regras, constituindo-se em um recurso fundamental para brincar. Estas categorias de experiências podem ser agrupadas em três modalidades básicas, quais sejam, brincar de faz-de-conta ou com papéis, considerada como atividade fundamental da qual se originam todas as outras, brincar com materiais de construção e brincar com regras (RCNEI, 1998, v. 1 p. 28).

Conforme esse desenvolvimento for ocorrendo, é importante dar uma certa independência para que as crianças escolham seus colegas e os papéis que vão assumir dentro de um determinado tema ou enredo baseando-se em sua vontade e curiosidade.

O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Explanas as informações anteriores, pode-se notar que os processos de cuidar e educar são indissociáveis na Educação Infantil. Eles se cruzam, se complementam e se impulsionam a todo momento. Não há uma linha demarcatória que determine onde começa e onde termina cada um desses processos.

Agora em diante, verifica-se que a ligação entre educar e cuidar propicia o desenvolvimento de aprendizagem e ensino na área da educação.



Esse processo se constitui por gerar aprendizagem de conhecimentos específicos, desenvolvimento e domínio de processos que se relacionam intimamente à constituição humana. Do ponto de vista da criança, desde o começo, todo seu entorno é fonte de exploração. A partir da interação com o meio, com brincadeiras, com relações interpessoais (com adultos ou crianças), as crianças produzem aprendizagem e desenvolvem suas potencialidades. Participam conscientemente da interação com elementos ao seu redor por observar, selecionar, analisar, relacionar e atribuir sentido. Sempre quando há uma diversidade desse tipo de relação, ocorre a ampliação do universo de experiências e possibilidades de aprendizagem de conhecimentos específicos e da construção de sua identidade. Dessa forma, as interações propiciam que aconteça o processo de ensino e aprendizagem.

Os tipos de linguagem se tornam essenciais para que ocorra esse processo. Por ser de ordem social, ajuda a criança a interagir, a construir muitos conhecimentos e a desenvolver seu pensamento. Sempre que utiliza a linguagem a criança passa a conhecer especificidades do outro e de si mesma.

De fato, pode acontecer a expressão das crianças de múltiplos modos, e brincar compreende uma dessas expressões. Foi destacada essa concepção pelo Conselho Estadual de Educação:

O brincar, em especial, constitui uma rica possibilidade de expressão infantil, revelando os modos da criança fazer-se presente no mundo, marcando sua identidade e participação na cultura. Brincar e aprender não são atividades antagônicas; ao contrário, para as crianças não existe separação ou descontinuidade entre ambas. Brincar e aprender são processos recíprocos, que se complementam. Apesar disso, a criança não se preocupa (e nem deveria) como que aprendeu ao realizar determinada brincadeira, tampouco faz por obrigação. Para ela, participar de uma brincadeira é uma ação voluntária que envolve querer brincar. (Art. 11, da Deliberação 02/2005 do CEE/PR).

Conforme citado, é por meio da brincadeira que a criança se expressa, que compreende sua realidade, que aprende e aplica seus conhecimentos, que desenvolve seu pensamento por meio da análise e síntese de informações. Até quando a criança brinca sozinha ela verbaliza suas ações, interage com os personagens, troca de papéis, reflete a realidade, transforma a realidade por criar e inventar contextos fictícios.



Considera-se que o brincar é uma atividade intelectual que está presente antes da realidade e que está vinculada à criança. Por causa disso tudo, pode-se certamente destacar que a união dos processos de educar e cuidar pelo ato de brincar propicia o desenvolvimento da aprendizagem e ensino na Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que a escola possa contribuir para que esse processo ocorra devidamente, é necessário criar experiências variadas, criativas, que possam deixar as crianças livres para se expressar de forma corporal, verbal, artística, gráfica, lúdica ou cultural. Na Educação Infantil as crianças devem ser o eixo central do trabalho educacional, ou seja, considerar suas necessidades e interesses e articulá-los aos cuidados pessoais necessários.

É preciso reconhecer que todo processo de mudança leva certo tempo e exige um considerável esforço dos envolvidos nesse período. Porém, é imperativo adequar à prática pedagógica dentro das instituições de Educação Infantil.

Não se trata de extinguir as atividades antes realizadas voltadas ao cuidar, porém, aproveitar as práticas de cuidados pessoais para desenvolver conceitos e atitudes importantes para a identidade e autonomia dos alunos.

O cuidar e o educar não devem ser considerados como práticas opostas ou separadas. Os processos de cuidar e educar são indissociáveis, eles se cruzam, se complementam e se impulsionam a todo o momento. Não há uma linha demarcatória que determine onde começa e onde termina cada um desses processos.

Torna-se essencial que a união entre o educar e o cuidar proporcione o desenvolvimento de aprendizagem e ensino no setor da educação, visto ser notório para que os discentes consigam desenvolver suas individuais capacidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Brasília: MEC/SEF, 1934. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 10 jan. 2000.